



MÍSTICOS HORIZONTAIS

PARA UMA ESPIRITUALIDADE APOSTÓLICA

José Antonio Garcia, SJ.

(tradução livre – RED EAM)

Gostaria de iniciar este capítulo aludindo a um fato amplamente comprovado nas espiritualidades de nosso mundo ocidental, não sei se na proporção do mundo latino-americano: o interesse crescente pelos grandes mestres de oração da tradição cristã e, o mais crescente ainda, pelas grandes correntes da mística oriental. Em teoria, esse dado não apresenta dificuldade alguma. Seja bem-vinda essa redescoberta cristã, bem-vinda seja também a aproximação de outras tentativas humanas de aproximação de Deus.

O problema aparece quando nos detemos no fato de que a maior parte desses mestres cristãos foram «monges», com as derivações necessárias que esse dado projeta na espiritualidade correspondente, e quando se considera os modos de orar dos «gurus» orientais são alheios à maneira de entender o mundo, a história e de situar-se perante eles. A pergunta que surge diante dessa constatação se poderia formular assim: Pode-se construir, a partir dessas duas fontes, a monacal e a oriental, uma espiritualidade para quantos não somos monges nem deixamos de colocar sérias reservas perante alguns núcleos fundamentais da filosofia oriental?

Para os «místicos horizontais»¹, o mundo é lugar da adoração de Deus. Esses místicos recusam-se a transferir à oração o encontro com Deus, o afastar-se do mundo ou negá-lo, de qualquer maneira que seja, como condição necessária ou caminho para citado encontro. Para eles, Deus emerge da situação das coisas, pessoas e acontecimentos; aí acham que deseja ser escutado, servido e amado. O mundo e a história, longe de serem obstáculo para o encontro com Deus, convertem-se para eles em sua mediação obrigatória.

«É necessário encontrar a Deus em todas as coisas... amando a Ele em todas e a todas nele», dizia santo Inácio de Loiola, um dos iniciadores dessa nova mística. Se toda espiritualidade deve dar resposta, de modo mais ou menos articulado, à dupla preocupação de amar a Deus e de responsabilizar-se seriamente pelo mundo, está aí uma fórmula que expressa a espiritualidade desses místicos horizontais mais a fundo do que a «contemplação na ação», dita a respeito de Santo Inácio, mas não por ele. «Contemplativos na ação» é, ao pé da letra, uma fórmula que justapõe duas realidades com seus mundos simbólicos respectivos, sem indicar, porém, a implicação que possam ter entre si. A expressão de Inácio, pelo contrário, fala em duplo movimento, segundo o qual, quando nos encontramos com o mundo, nele devemos descobrir a Deus e amá-lo. Quando nos referimos amorosamente a Deus, devemos amar nele todo o mundo. Em seu primeiro movimento, essa síntese espiritual proíbe a fuga do mundo para encontrar a Deus, da mesma forma que todo passo *intranscendente* por ele: *cumpra ser contemplativo na ação*. Em seu segundo movimento, essa síntese

¹ . Tomo a expressão de E. KINERK. «When Jesuits Pray: A perspective on the Prayer of Apostolic Persons»: *Studies in the Spirituality of Jesuits*, Nov. 1985.

(Quando os Jesuítas Rezam. Uma perspectiva da Oração de pessoas apostólicas): *Estudos na Espiritualidade dos Jesuítas*.

proíbe todo desejo de Deus que não seja ao mesmo tempo intensa preocupação e amor ao mundo: *deve-se ser ativos na contemplação.*

Qualquer fórmula fica sempre ambígua; aponta apenas parcialmente para aquilo que se quer expressar com ela. Seja citada expressão o que for, por debaixo dela está a originalidade de uma corrente espiritual que quer ultrapassar a oposição entre interioridade pura e mundo exterior, entre contemplação e ação, fazendo da contemplação uma atividade de *todo o homem em todas as circunstâncias*, e da ação uma práxis humana atingida criticamente pela contemplação de Deus. Ser contemplativo na ação é *viver em tal escuta adoradora de Deus no mundo que nela se possa fazer constantemente a pergunta: «Senhor, que devo fazer?»*. E intuir a resposta em atitude obediente.

Pergunta-se: Essa espiritualidade tem algum caminho que importa percorrer, quando a pessoa se indaga, de maneira pedagógica, o acesso a ela? Se, como é lógico, não nascemos «místicos horizontais», há algum processo que nos aproxime dessa experiência?

Depois dessa introdução, cuja pergunta fundamental se manterá ao longo do capítulo todo, gostaria de me referir a três momentos-chaves e metafóricos, apenas formalmente separáveis e objeto de tema, do processo espiritual pelo qual se chega a ser contemplativo na ação. Aqui os ofereço, porque penso que podem sugerir caminhos pedagógicos para aceder progressivamente a esta experiência básica de toda a espiritualidade apostólica: o encontro com Deus na densidade do mundo, a tríplice metáfora dessa pedagogia.



1. VIAGEM DE IDA

Dorothee Sölle escreveu um livro que leva esse título².

A metáfora alude a essa atividade humana mediante a qual abrimos caminho para nós, desde as experiências de superfície até as outras experiências de sentido que nascem das coisas, mas que, por sua vez, as transcendem. Essa «viagem de ida» consiste em investigar toda realidade, todo acontecimento, tudo o que acontece ao homem, até descobrir em seu fundo uma mensagem de conteúdo humano ou teologal, porque há «viagem de ida» humanista e «viagem de ida» teologal; quando entramos na dinâmica desta última, descobrimos, no fundo de tudo, Aquele que o habita, como mistério acolhedor, fonte de toda a vida, de quem Paulo afirmava que «é ele quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas » (At 17,25).

Sem esta «viagem de ida», não topamos com a verdade mais profunda dos acontecimentos e das coisas, mas apenas ficamos em leituras e interpretações parciais profundamente mutiladas. Sem essa «viagem de ida», morremos na superfície das coisas. Dorothee Sölle o expressa assim: «o que apenas vive de pão, morre com somente pão», isto é, viver «sem ir mais além» para perceber as mensagens interiores das coisas acarreta a morte da alma do homem. Essa afirmação adquire confirmação realmente trágica em nossas sociedades ocidentais, onde para viver exclusivamente de leituras científicas e consumistas apenas de pão morre-se para as experiências humanas e religiosas mais importantes. Estas sociedades deixam de lado a «alma» são profundamente *desanimadas*, *desalmadas*.

Para fazer essa «viagem de ida» deve entrar em jogo o «coração». A Carta aos Efésios pede «que Deus ilumine os olhos do coração» (1, 18) para que possamos reconhecer a esperança, a esperança, motor que coloca em marcha as «viagens de ida». Na obra de Saint-Exupéry, a raposa diz ao pequeno Príncipe: «O essencial é invisível aos olhos; somente se vê bem com o coração». Olhos «sem coração» só conseguem fazer leituras *intranscendentes*. Os «místicos horizontais» recebem esse nome precisamente por suas «viagens de ida». Em princípio, o mundo e todas as suas realidades criadas, como acontece com a história, não é para eles lugar de onde é necessário fugir para conseguir paz de espírito, sossego, solidão da alma e encontro com Deus, mas espaço que Deus coloca para nele perceber sua vizinhança amorosa e salvífica. Esses místicos sentem o mundo e a história como «lugar teológico», isto é, como *teofania* em que surgem a face e a voz de Deus, face e voz que mantêm relação essencial com os portadores de sua presença. Como então distanciar-se ou fugir deles ou colocá-los entre parênteses? É precisamente mediante eles que Deus se manifesta. Um monge se retirará do mundo, com toda a razão, para se dedicar a Deus na solidão da oração, no trabalho e louvor; com isso prestará inestimável serviço ao mundo.

Um «guru» oriental, de seu lado, desenvolverá caminho de acesso ao Absoluto de acordo com sua filosofia da vida, sua visão do mundo e da história e conceito do mencionado Absoluto. Não se sugere aqui o menor tipo de descrédito a respeito de nenhuma dessas duas tradições. A única coisa que se ressalta, desde o início deste capítulo, é que os conteúdos na ação não podem mimetizar esses caminhos. É a vocação apostólica que terá de colocar em marcha um modo distinto de acesso a Deus.

É claro: o mundo e a história fazem muito «ruído», e não é nada fácil encontrar-se com Deus no meio

² . Cf. KAREKEZI, «La vie au rythme de Dieu», en *Unir action et contemplation*, CIS, Roma, p.35.

deles. Por outro lado, há muito pouca pedagogia a esse respeito; não nego que monges e «gurus» nos possam ajudar para encontrá-la. Mais ainda: implicados na densidade do mundo e da história, não se torna fácil distinguir quando são os interesses do Reino de Deus os que nos guiam em nossa ação; e quando, pelo contrário, nos buscamos a nós mesmos. Aqui também, «gurus» e monges podem prestar-nos ajuda, sustento; contudo, que, considerados globalmente, nos achamos diante de dois caminhos distintos, que não é bom identificar nem mimetizar. O monge acede a Deus de um modo, o «guru», de outro; o místico horizontal: contemplativo na ação. No caminho dos primeiros contam muito o silêncio, o sossego, a solidão, etc., como condições do encontro com Deus. De que modo sair do perigo dessa viagem, de forma que o ruído e as «curvas» pessoais não sejam obstáculo algum para o encontro, é outra questão, que teremos de levar em conta. Monges e «gurus» tampouco estão isentos de seus «demônios domésticos».

Quanto a mim, gosto de pensar que Jesus fez muito dessas viagens de ida. Não nos faltam dados no Evangelho:

...Os lírios do campo e os pássaros do céu, Deus que os veste e alimenta (Lc 12,22ss), convidando-nos com isso a viver *desangustados*, repletos de confiança.

...O homem com a mão paralisada (Mc 3,1-6); ao Pai que quer sempre a libertação do homem, embora seja sábado, ensinando-nos que a mediação fundamental do acesso a Deus não é a lei, mas a atividade salvadora.

...A contemplação dos pobres, dos enfermos, dos pecadores sociais, dos excluídos sem futuro; ao Deus compadecido de sua sorte, defensor dos que não têm quem os defenda; futuro dos que não têm futuro, manifestando assim onde está o coração de Deus e para onde nos convida esse amor.

...Um giro nos acontecimentos, ao Pai que aparece no novo e surpreendente, no inesperado, embora esse novo ameace futuramente com tormenta (Lc 10,21s).

...A terrível experiência do abandono e da morte, do silêncio de Deus, ao Deus que mora no silêncio, ao Pai em quem, finalmente, se pode depositar a confiança da própria vida e da causa pela qual se empenhou (Lc 23,46).

Podemos acrescentar: Jesus repreende fariseus e saduceus, incapazes de fazer essas viagens de ida, de ir além da pura ocorrência dos fatos. «Sabem discernir o aspecto do céu, e não podem discernir os sinais dos tempos?» (Mt 16,1s).

A contemplação da vida pública de Jesus apresenta, espontaneamente, quer dizer, sem forçar nem interpretar, este dado: em Jesus, o mundo não foi obstáculo para sua contemplação de Deus; foi lugar de escuta da vontade salvífica do Pai. Sua caminhada espiritual peculiar não consistiu em evitar os *ruídos* do mundo para contemplar melhor a Deus, mas em contemplar e amar a Deus implicando-se radicalmente neles. Em seguida veremos como isso é possível e a que preço.

2. ENCONTRO

No fundo da «viagem de ida», como última consistência e sentido das coisas, aparece Deus em sua qualidade de Criador. Mistério acolhedor: Pai, Libertador... É o momento do «encontro», cuja primeira atitude por parte do homem é a *adoração*, a experiência de pertença absoluta e de *excentricidade*. Sem essa atitude de adoração, todo encontro com Deus corre o perigo de se tornar trivial. «Tire as sandálias porque o lugar em que está é terra sagrada» (Êx 3,5).

Esse encontro, além disso, produz *alegria, confiança, entrega incondicional*... É impossível entrar em contato com Aquele de quem somos imagem por amor, de quem procedemos como criaturas surgidas de seu amor, ainda mais que é Pai de Jesus Cristo, nosso Salvador, sem que se produzam em nós estes sentimentos: agradecimento, alegria, confiança, entrega de nossa vida. Alguma coisa parecida deve ter acontecido a Paulo, quando, em meio às perseguições, às flagelações e perigos de morte, ousa perguntar: «Se Deus está conosco, quem estará contra nós?... Estou certo de que nem a morte nem a vida nem os anjos... nem outra criatura alguma nos poderá separar do amor de Deus» (Rm 8.35-39).

Nesse encontro produz-se, por fim, o fenômeno da *escuta e do envio*; a obediência radical. Na experiência de Deus na sarça, Moisés, depois de estar descalço, escuta a voz de Deus e como esta o envia ao Egito. É voz que julga o que acontece no mundo, que não se mantém neutra perante ele. É envio que coloca Moisés na densidade política em que vive o povo. Na experiência de Jesus referente ao Pai, escutar sua palavra e fazer-lhe a vontade, na autoconsciência de ser alguém enviado por Deus, será o leitmotiv de sua vida, da forma vista, sobretudo, pelo Evangelho de São João.

No Salmo 27 rezamos: «Meu coração diz a teu respeito: “Procura tua face!” É tua face, Javé que eu procuro, não me escondas a tua face». Pois bem, podemos afirmar que essa face bíblica de Deus, cujo reflexo exato é Jesus, caracteriza-se por dois sinais.

O primeiro é a «acolhida incondicional». A pessoa que se encontra com Deus, com o Deus de Jesus, que, segundo dizíamos, emerge no fundo de toda a história e de toda a criação, experimenta, em primeiro lugar, o amor, a acolhida incondicional, o perdão que transparecem nessa face. Se o Deus com quem nos encontramos não tiver esse sinal, o mais provável é que não seja o Deus cristão.

O segundo é «o olhar para o mundo». A pessoa que se encontra com esse Deus, surpreende-lhe dois olhos que contemplam apaixonadamente o mundo, convidando-a para unir-se nesse olhar e participar no *pathos* do coração de Deus. Sem esse sinal, tampouco o Deus com quem nos desejamos encontrar é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Que cor toma esse momento do encontro nos místicos horizontais? Nos contemplativos na ação? Que peculiaridades originais tem?

A *primeira peculiaridade* já foi apontada. Esse encontro não se produz neles com desconhecimento do mundo, como justificada pedagogia e ascese de acesso monacal a Deus, mas mantendo-se nele e mediante os fenômenos que acontecem nele.

A *segunda peculiaridade* é que necessariamente será encontro povoado de muitos ruídos. Não é possível, pelo menos não será fácil estar no mundo por vocação de Deus e desfrutar ao mesmo tempo a paz do mosteiro. Deveríamos, portanto, aceitar de saída que nossa contemplação de Deus, nosso encontro com ele, não terá sempre as mesmas características de sossego e paz (ou de Noite Obscura

ou Nuvem do Não-Saber) como do monge ou do «guru» oriental. Com frequência, muito mais do que desejaríamos, será contemplação e encontro entrecortados, distraídos, invadidos por mil imagens provindas do mundo e da história a que Deus nos envia constantemente. Teremos de nos impacientar com isso, ceder à sensação de que o sucedido conosco não se pode chamar corretamente de «contemplação» nem «oração» nem «entrega de nossas vidas a Deus ou aceitar, pacificamente, que grande parte do que nos acontece tem de ser assim, com maior ou menor barulho, com maior ou menor sossego? O importante é que vejamos a nós mesmos, a criação inteira e a história com olhos acolhedores e apaixonados de Deus, a ele voltando, sempre em paz, dos mil lugares aonde nossa imaginação invadida nos leva.

De propósito tomava esta segunda postura. Se algum leitor vir nela escapatória fácil para a dispersão dos sentidos ou justificação teórica da falta de toda a ascese, não me interpretou bem. Os místicos horizontais praticam seu ascetismo próprio, conforme veremos adiante. Coincida ou não com o ascetismo dos monges e dos «gurus», isso já é outra coisa. Suspeito que nem sempre deverá ser assim.

Nos contemplativos na ação, *terceira peculiaridade*, o encontro com Deus projeta sua própria luz sobre aquela práxis ou acontecimento que serve de suporte. A ação se vê «julgada» pela contemplação e convidada a situar-se na ótica de Deus. A liberdade humana sente-se chamada a se articular obedientemente na liberdade de Deus. Ver tudo a partir dos olhos e do coração de Deus, fazer tudo para o horizonte de seu Reino é a paixão máxima dos místicos horizontais e a forma que adota sua oração preferida.

3. VIAGEM DE VOLTA

No encontro com Deus dos contemplativos na ação produz-se esta confissão: «Tu serás meu único Senhor. A Ti consagro toda minha vida». Aquele que se consagra a Deus, vê-se reenviado ao mundo, a confissão completa-se assim: « A Ti, e *a tua causa no mundo*, consagro toda minha vida». Gostaria, no entanto, de afirmar, com toda a convicção, que o que configura a «viagem de volta» ao mundo é a qualidade do encontro e da confissão que se tenha produzido nele. A *pró-existência* cristã depende da *ex-sistência* (Jon Sobrino).

No cristão deve funcionar assim, porque Jesus o expressou com outras palavras, a que desejo referir-me agora.

Quando Jesus tenta explicar aos discípulos como tem sido seu amor para com eles, não acha expressão mais verdadeira e radical que esta: «*Como* o Pai me amou, assim os amei eu» (Jo 15,9). A força da afirmação de Jesus está no *como*: o que aconteceu entre o Pai e eu, isso é o que flui de mim para vocês; fui para vocês o amor que o Pai foi para mim.

Quando Jesus quer deixar um testamento aos seus, sua última vontade, volta outra vez à mesma comparação: «Este é meu mandamento: que se amem uns aos outros *como eu* os amei» (Jo 13,34). Quer dizer, que a qualidade de seu amor nasça e seja a medida de meu amor para com vocês, que sejam uns para os outros o que tenho sido para vocês.

O que impele, portanto, a «viagem de volta» ao mundo e à ação enquanto fiéis, não é nem imperativo de tipo ético ou psicológico, nem idéia, nem moral. É a contemplação de Deus e o Reino que deseja implantar na terra, «reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e paz». A inspiração do procedimento que devemos ter nessa implantação não estabelece para o fiel nenhum código moral, apenas a experiência do que Deus e Jesus Cristo foram para conosco. Esse é o teto de identificação dos místicos horizontais, mais ao fundo de toda a ideologia ou de toda a moral.

Jesus supôs que o encontro com esse «Reino de Deus» podia ser fonte de alegria tal, que provocaria a venda de tudo para os que ficam com ele (Mt 13,44). É importante que seja assim.

Os heroísmos provenientes da «lei» são perigosos; os que dimanam da alegria, não.

Se antes achávamos que a contemplação de Deus ficava medida pela ação no mundo («viagem de ida»), vemos agora que os termos se invertem. A «viagem de volta» é a práxis sobre o mundo que fica banhada e dirigida pela contemplação de Deus e seu olhar amoroso e «crítico» sobre a criação e a história. Na «viagem de ida» a ação ativava a contemplação. Na «viagem de volta» é a contemplação que ativa e configura criticamente a ação.

Deve-se, em primeiro lugar, *encontrar a Deus* em todas as coisas; depois é necessário encontrar *todas as coisas* em Deus. Uma dialética completa.

CONCLUSÕES

1. - *Três classes de síntese espiritual.* A síntese tradicional, *alternância entre oração e ação*, não era suficientemente crítica com as atividades em que nos vemos envolvidos, prestando-lhe única e simplesmente a boa intenção e introduzindo nelas o espírito religioso. A síntese existencial, *valorização da experiência*, deixa igualmente intata a práxis, contentando-se em buscar novo significado existencial para a contemplação. Se quisermos viver a *síntese contemplação-ação*, a contemplação deve informar-nos e esclarecer-nos na linha do discernimento de nossa práxis. Ao desenvolver uma atitude interior de abertura fundamental em face do novo e diferente, por uma parte, e oferecendo, por outra, leitura crítica da história à luz de nossa experiência de fé, a contemplação poderá alimentar uma práxis libertadora. Esta práxis, confrontada pela força purificadora, iluminativa e libertadora da contemplação, baseada na experiência do transcendente, exercerá, por sua parte, função crítica sobre nossa contemplação, defendendo-a do perigo da alienação³.

2. *A contemplação na ação tem sua ascese própria.* Está claro que dita ascese não pode consistir no afastamento ou retirada geral do mundo, como sucede legitimamente na espiritualidade monacal, mas deverá ser necessariamente de outro estilo.

³. J.B. LIBANIO. «Ação e contemplação numa situação de conflito», em *Unir ação e contemplação*, cit. pp.74-75.

O elemento fundamental dessa ascese é constituído pela *mortificação*. A palavra é antiga, está desgastada e passou de moda, mas não acontece o mesmo com seu significado. Mortificar-se é libertar-se para o fundamental, para o único necessário. É desvencilhar a liberdade para colocá-la em sintonia com a liberdade de Deus. É «*sair do amor, do querer e do interesse próprios*, para entrar no interesse, no querer e no amor de Deus.

A tradição espiritual dos contemplativos na ação está muito vinculada a santo Inácio de Loiola. Pois bem, também está e de que maneira! à condição do acesso a ela: a mortificação. «Para um homem verdadeiramente mortificado, diz santo Inácio a Jerônimo Nadal, um quarto de hora basta para unir-se com Deus na oração». Enquanto Santo Inácio e González de Câmara falavam de um jesuíta conhecido de ambos, Câmara fez a observação de que era um «homem de oração»; santo Inácio respondeu: «É homem de grande mortificação». O mesmo Câmara disse de santo Inácio que «punha todo fundamento na mortificação e abnegação do querer próprio». Ribadeneira afirma que santo Inácio «preferia a mortificação da honra pessoal à do corpo, a mortificação dos afetos à oração»⁴.

É claro, a meta dos contemplativos na ação é buscar a Deus e sua vontade em tudo. Quem não sair de si não pode encontrar outra coisa senão suas projeções pessoais.

3. *Em que lugar fica a oração formal?* Os místicos horizontais oram. Rezam formalmente, até se submetem a ritmos de oração. O que nunca fariam seria absolutizar a oração por cima de outras formas «seculares» de louvar e amar a Deus. Intentarão encontrar, seguindo de novo a santo Inácio de Loiola, “não menos devoção em qualquer obra de caridade do que na oração”.

Por que rezam, então? Rezam porque não somente a oração, mas também a ação estão sob suspeita. Quem me assegura, e onde o verificarei que minha ação no mundo não é para o Reino de Deus e segundo ele, não para mim e segundo eu? De onde extrairéi a clarividência evangélica para detectar a presença e a atuação de ídolos, esses que se dão na ação, e a fé e o amor para não cair nas mãos deles? Não fala muito alto a história da santidade cristã, especialmente a desses novos místicos, de que a contemplação na ação é inseparável da contemplação na oração?

Os místicos horizontais aceitariam com prazer esta tríplice função que François Varone atribui à oração:

1. *Deus me faz existir, eu o acolho...* Desinteresse e perfeita gratuidade da oração no plano da obtenção desta ou daquela vantagem. Enriquecimento profundo, no entanto saboreado, buscado, produzido e exercido no plano da existência da liberdade e do sentido. Nossa oração é a do pobre. Corresponde a nossa organização e trabalho dissimular nossa pobreza de ter. Nossa pobreza de ser, porém, somente outro, somente o Outro pode transformar em riqueza. O Outro encontrado na oração...

⁴ . Passagens das Fontes jesuíticas, citadas por E. KINERK em *op.cit.*, p.7.

2. *Preparo-me para existir com Deus...* A primeira função da oração desencadeia a segunda, ativa e produtiva. É necessário prolongar em direção aos outros, em meio ao combate pela vida, o que se recebe de Deus: a oração vai agora preparar para isso. Deus me faz existir junto a ele, para que eu possa depois existir com ele no meio do combate da vida... O que recebi? A existência. Devo, pois, preparar-me para fazer existir os outros...

3. *Faço Deus existir.* O terceiro tempo da experiência de fé é a ação de graças. Esta terceira função oblativa constitui também o remate da oração. A existência que o homem recebe de Deus e que se prolonga no combate da vida, a devolve preenchida de quanto produziu, em movimento irresistível de agradecimento alegre. Em tal movimento Deus é reconhecido plenamente como Deus: o homem de fé e orante o faz existir atribuindo-lhe uma dimensão, uma amplitude que não possuía antes. Curiosa, profundamente verdadeira e necessária inversão de valores: o primeiro tempo da oração é receptivo e passivo; todavia, graças a ele o homem começa a existir verdadeiramente e acede à esplendorosa atividade; o terceiro tempo é o oblativo, o homem devolve a Deus o que é. Nesse momento sua atividade alcança a

4. *Terrenos mais urgentes. É necessário encontrar a Deus em outras coisas.* Hoje torna-se especialmente urgente buscá-lo, ouvi-lo e ser-lhe obediente⁵:

Nos acontecimentos que produzem vida. Deus aparece neles convidando-nos para a festa, porque é Deus alegre; propicia-nos com nossa entrega e compromisso essas brechas de luz.

Nos acontecimentos que produzem morte. Morte por falta de pão ou morte por viver somente de pão. Deus aparece neles como Deus crucificado. O convite que nos faz mediante eles é à compaixão, ao compromisso histórico, à esperança criadora.

Nas potências de diminuição. Tanto nas naturais como nas históricas esses «atracadores» que nos vão tirando a vida Deus aparece como aquele que nos pede não apenas o compromisso, mas a própria vida de que também é Senhor.

* * *

Para o «místico horizontal», para o contemplativo na ação, para o homem apostolicamente integrado: «*toda experiência de Deus é ação para os outros. Toda ação para os outros é tal que revela o Pai, une mais a ele afetiva e comprometidamente*», segundo o Padre Arrupe. O «místico horizontal» pratica, pois, uma forma de resistência cultural que questiona todo olhar *intranscendente* sobre o mundo e a história. Ao mesmo tempo, faz deste mundo e da história lugar teológico denso para o encontro com Deus e sua vontade salvadora.

⁵ . Um desenvolvimento maior deste tema pode ver-se em J.A.GARCIA; *Hogar y Taller. Seguimiento de Jesús y comunidad religiosa*. Sal Terrae. Santander 1987³, pp. 139-151.